aroeira

espaço cultural mané garrincha

Boletim sem número, pontapé inicial, março/2009.

Valor: RS 2,00

Sendo:

- capital constante: R$ 1,00
- capital variável: R$ 0,50
- mais valia: R$ 0,50
- taxa de lucro: 33,3 %
- Taxa de exploração: 100 %

Entretanto, esclarecemos de início que toda nossa mais valia arrecadada será reinvestida nas lutas do povo e na manutenção do nosso espaço. Não socorremos bancos estadunidenses quebrados! Favor não insistir!



EDITORIAL - I

Pontapé inicial (sem número):

No país dos sem fome, pois mortos não a sentem. Dos sem terra, onde o governo da esperança venceu o medo, assegurando aos famélicos da terra o direito aos sete palmos da mesma. No país dos sem teto, dos sem universidade, dos sem emprego, dos já sem nada, nada, não poderíamos ficar indiferentes.

Neste país, terra-brasilis, fincamos nossa bandeira, nosso boletim arborizado do Espaço Cultural Mané Garrincha.

Aroeira é seu nome, esperamos que vingue!

E se estamos na terra dos sem isso e dos sem aquilo, nossa primeira apresentação pública não poderia ser diferente. Assim, eis aqui o pontapé inicial, sem número (é claro), precedendo aos futuros números que virão.

Nasce feito Garrincha, nem humilde, nem pretensioso, apenas brincalhão sem esquecer o compromisso, sério sem a desnecessária sisudez. Mescla poético-politica em versos e prosa, **Aroeira** não pede licença para ser, é e será!

EDITORIAL - II

- Ocupações:

É como vovó já dizia: cabeça sem ocupação, do diabo é moradia!
Longe de contrariar a voz da experiência, façamos valer o que dizem os mais velhos.

- Ocupação de terra:

Milhares de famílias, milhões de seres humanos que na ausência de movimentos massivos estariam ajudando a impulsionar a sociedade brasileira para a barbárie.
Graças a esses movimentos, essa gente que, segundo o velho Bertolt, buscariam de qualquer jeito, ***primeiro o pão, depois a moral***, hoje têm feito brotar vida de terras onde antes vingavam ervas daninhas latifundiárias. Avancemos para um futuro de coletivização da terra, pois, como dizia os bons *conselhos* de outro velho de outrora: ***a terra é de todos, a terra é de ninguém!***

- Ocupação de teto:

Outros tantos milhões de pobres abarrotam as grandes cidades. Mas os inchaços das favelas, geralmente construídas em locais insalubres (com seus esgotos a céu aberto), é um contraste com as grandes extensões de terras abrigando mansões de playboizinhos, patrícinhas e seus respectivos papaizinhos.
Além disso, com a pratica da especulação imobiliária, esses senhores e senhoras do sistema mantém vastas terras, protegidas por cercas, jagunços urbanos e policiais, por isso, todo apoio às ocupações, cheias de gente e de vida!

- Ocupação de fábricas:

Ói nóis aqui traveiz! E não é que os dinossauros, contrariando certos doutores do fim da história, mais do que nunca voltaram para reescrever a História, essa com H maiúsculo!
E dessa vez não nos venham com a tal afirmativa de que ocupar fábricas é coisa do século e milênio passados ou meras ações na periferia do capitalismo. Afinal, diante da crise no centro do sistema (e é de lá que nos chegam notícias acerca das ocupações de fábricas), o ***materialismo histórico*** aponta seu dedo acusador: a incompatibilidade entre produção social e a apropriação privada!

- Ocupação de reitorias:

Figura circunscrita ao universo acadêmico, notadamente na sua parte burocrática e não de pesquisa cientifica, o reitor, por isso mesmo, tem como função encabeçar (aprovar e rejeitar), aquilo que diz respeito à vida universitária.
Encerrado em seu castelo, nos últimos anos, essa figura medieval, tem proporcionado aos estudantes brasileiros o know how exportador de ocupações de reitorias.
Fenômeno generalizado por todo Brasil, graças à corrupção e precarização da educação, no fim de 2008, radicalizou-se na Grécia, ganhou as ruas e se estendeu até Nova Yorque, deixando claro o contraste entre saber e sua mercantilização. Salve, salve juventude destemida!

CONSELHO EDITORIAL – Escalação:	NOTA – Responsabilidade pelos textos.
-Ponta direita: Mané Garrincha, in memoriam. -Ponta esquerda: Mané Gonçalves (seu Manoel), in memoriam. -Centroavantes: uma multidão de insurretos, todos sobreviventes da crise e que, para evitar voltar ao solo pátrio com uma mão na frente outra atrás, tal como fazem hoje os mais de trinta mil dekasseguis, vítimas do desemprego no Japão, recusam, terminantemente, jogar em terras distantes, chame-se lá Europa ou coisa que o valha. Ou seja, faremos o jogo (confronto) aqui em casa mesmo, viu seu Inácio!	Dois serão os responsáveis: quem os assina e os capitalistas de plantão. Os primeiros por dignidade, os segundos por motivar a luta de quem a faz. Inveja? Teremos das gerações futuras, pois elas nada assinarão, apenas, vão viver. Orgulho? Terão as gerações futuras daqueles que, vivendo na pré-história humana (luta de classes), tomaram partido!

Sobre o Espaço Cultural Mané Garrincha

O que é o Espaço Cultural Mané Garrincha?

Primeiramente estabeleçamos um corte importante: o Espaço Cultural Mané Garrincha é mantido e gerido por trabalhadores/proletários, nele não há um centavo sequer de ongs, do estado, de igrejas... Esse "detalhezinho" é fundamental para nós, porque ao mesmo tempo em que aparentemente limita nossas possibilidades financeiras, liberta nossos sonhos, que podem fluir livremente, inclusive para além desta sociedade caduca. Para nós a história não acabou!

Não, a história não acabou, apesar de tantos que lutam exaustivamente para enterrá-la, transformando-a num presente eterno, sem passado e sem futuro. Reivindicamos nosso passado. Salve Zumbi dos Palmares! Salve Canudos! Salve Mané Garrincha! Neste sentido, nosso Espaço Cultural busca congregar as forças inquietas e lutadoras do povo num ambiente seu, livre. E assim, quiçá consigamos ir forjando nosso futuro, um futuro do trabalho livre, não alienado e não explorado. Acreditamos que os seres humanos só se realizam no trabalho livre e não alienado. Na construção cotidiana do nosso Espaço experimentamos um pouquinho desta realização.

No Espaço Mané Garrincha queremos nos apropriar do saber e do prazer, de uma forma plena e humana, ou seja, não mercadológica. Numa sociedade que só nos oferece mercadorias não cabem nossos sonhos, pela simples razão de que ousamos desejar um amanhã não mercadológico. Sendo assim, queremos nos juntar a todos que compartilham semelhantes angustias e desejos, para estes nosso Espaço está de portas abertas, e em construção. Enfim, apenas nos reservamos o direito de fechar as portas do nosso Espaço para tudo que for comercial, conservador e preconceituoso, que fiquem nos shoppings!

Por que Mané Garrincha?

Figura mítica do futebol brasileiro e mundial, e apesar de ter carregado o selecionado brasileiro quase que nas costas na conquista do Mundial de 1962, Garrincha tem caído no esquecimento ao longo dos anos.

Contra ele jogam juntos: seu alcoolismo, seu desdém para com as regras – todas elas muito certinhas, retilíneas – e o profissionalismo do futebol de hoje. Como se não bastasse isso, suprema ironia do capitalismo, telenovelas da TV Tupi chegaram a ser gravadas sobre fintas do Mané. Mas todas as telenovelas não valem um drible de Garrincha.

Enfim, por que Espaço Cultural Mané Garrincha? Porque Garrincha "é o nome de um passarinho inútil e feio."[1] Garrincha era tudo que não daria certo. Garrincha era um homem do povo. E, entrentanto, esse homem de pernas tortas foi capaz de driblar todos os infortúnios. Foi quiçá "parábola do homem comum, roçando o céu."[2] Garrincha foi "a alegria do povo", e povo sem alegria é povo submisso, incapaz de amar a vida e de lutar por ela. A Garrincha rendemos nossa homenagem: viva Mané! Em Garrincha buscamos nossa inspiração, quiçá sejamos capazes de fintar como o genial ponta direita, com a singela diferença de que driblaremos pra esquerda. Mané, Evoé!

Nossas atividades.

Do que foi dito acima, o Espaço Cultural Mané Garrincha é um projeto em construção, todos que compartilham semelhantes sonhos, angustias, desejos, necessidades... estão convidados a ajudar a talhar este espaço. Por enquanto temos tocado algumas atividades, que esperamos ampliar conforme nossas forças.

- Discussão de conjuntura nacional e internacional. No primeiro sábado de todos os meses, às 15:30. Próxima atividade: 07.03.2009, às 15:30.
- Saraus. Todos os segundos sábados dos meses impares, a partir das 18h. Próximo sarau: 14.03.2009, a partir das 18h.
- Grupo de estudo Cipó de aroeira – estudos da realidade brasileira, geralmente às sextas, a combinar datas e horários exatos. Ver texto O que seria do verde sem os "amarelos"...
- Grupo de estudo de O Capital, de Karl Marx. Primeira reunião: 14.03.2009 às 15h, será exibido um vídeo (O método em Marx, palestra de José Paulo Neto) sobre o tema, depois discutiremos como organizar os trabalhos.
- Vídeos. Títulos e datas a combinar.

1 – Texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano sobre Garrincha, que publicaremos no próximo Aroeira.
2 – Versos da canção O futebol, de Chico Buarque.

- Biblioteca Manoel Golçalves. Trata-se da nossa homenagem a outro Mané, o seu Manoel, lutador histórico do povo, morto há quatro anos. Ao nosso querido seu Mané se aplica perfeitamente o adjetivo brechiano “imprescindível”, além de outros adjetivos como negro, pobre e nordestino. Ousado como Garrincha, amante do conhecimento, seu Mané driblou o analfabetismo. Esperamos por doações de livros para ajudar na constituição da Biblioteca Manoel Gonçalves. Sobre o seu Manoel, ver o poema O Sábio, na última folha de Aroeira.

Aos que se interressarem, aos que quiserem se somar nesse projeto... nosso e-mail é espaco.manegarrincha@hotmail.com . Nosso endereço é Rua Silveira Martins, nº 131, sala 11.

Cipó de aroeira – Grupo de estudos da realidade brasileira

O que seria do verde sem “os amarelos”…[1]

Esta breve exposição busca trazer à tona a necessidade de fazermos uma reflexão sobre o Brasil. Para tanto, se faz necessário o estudo dos clássicos a respeito da questão. Neste sentido, organizamos um grupo de estudo denominado Cipó de Aroeira para impulsionar o debate. Para o pontapé inicial, estudamos a obra Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Júnior.

Ao analisar esta obra detectamos alguns aspectos que acreditamos permear toda a História do Brasil no tocante às questões econômicas, políticas e culturais que determinaram o que somos. Além disso, pudemos também fazer conjeturas sobre o que nos reserva o futuro.

Do ponto de vista econômico, o Brasil, no período colonial, esteve inserido num contexto mercantil globalizado. Caio Prado nos esclarece esta questão ao identificar o sentido da colonização portuguesa do Brasil. Segundo ele, esta não teria outro objetivo senão abastecer o mercado europeu com produtos tropicais, tivemos então uma economia voltada exclusivamente para a exportação, transformando este imenso território, a vida de milhares de africanos e de povos indígenas em um grande negócio do reino português. Para realizar esta empreitada seriam necessários um conjunto de elementos técnicos, administrativos e políticos, que, segundo Caio, os colonizadores não dispunham. Ou então a forma como se deu o processo de colonização não permitiu que tais mecanismos – necessários mesmo em nosso caso visto apenas como administração de finanças – se desenvolvessem de forma que possibilitassem a fomentação de um mercado interno para além da simples subsistência. A técnica e as artes mecânicas ligadas apenas a manutenção e suprimento das necessidades básicas e gerais das fazendas, engessaram as mínimas possibilidades de serem ampliadas, até mesmo dentro do propósito colonial.

…e as cores se misturam, surge o verde-“amarelos”.

Como a história nos mostra, os colonizadores estariam mais interessados em bugigangas para comerciar. Como não era do feitio dos habitantes dessas terras a produção de mercadorias, restou aos portugueses esta árdua tarefa, para o seu socorro, recorreram ao uso dos povos africanos e indígenas como instrumentos de trabalho. Sem meios para se defender, os povos aqui jogados e os habitantes nativos foram vítimas de todo tipo de crueldades cometidas pelo ocidente civilizado. E é de uma dessas crueldades, o estupro de negras e índias, que surgiu grande parte da população brasileira. E é a esta parte que até hoje é negada a dignidade, sua alma roubada ainda aprisionada sem poder retornar ao corpo nos traz a responsabilidade do resgate, devolver a palmeira aos sabiás, fazer um banquete tupinambá para celebrar a glória de Zumbi e de tantos outros gerreiros aqui tombados.

1- Texto apresentado como síntese da discussão da obra Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Jr.

Sobre Mané Garrincha

“EU FAZIA O LANÇAMENTO E TINHA VONTADE DE RIR. O MANÉ IA PASSANDO E DEIXANDO OS HOMENS DE BUNDA NO CHÃO. EM FILA, DISCIPLINADAMENTE."

(Didi, campeão mundial em 1958, sobre os dribles de Garrincha na Copa)

Crise: da marolinha à tsuname.

Hoje já ninguém duvida que a crise chegou e está instalada entre nós, que ela já provoca uma recessão nas principais economias do planeta, desde a sua locomotiva, os EUA, passando pela comunidade econômica européia e solapa até mesmo a China, que parecia à prova de qualquer crise. No Brasil, onde ela era tratada pelo governo como uma "marolinha", devido à queda nas vendas do setor automotivo, que diminuiu em novembro 28% em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo que as montadoras têm mais de trezentos mil carros estocados em seus pátios. O setor imobiliário passa por uma séria crise, tendo o governo de injetar dinheiro para evitar que muitas empreiteiras falissem, arrastando com elas a poupança de milhares de pessoas que pagaram adiantado pelos imóveis. Os bancos brasileiros, ainda não tiveram injeção direta de dinheiro como ocorreu nos EUA, Europa e Japão, mas tiveram diminuída a quota do depósito compulsório (parte dos depósitos à vista que os bancos são obrigados a recolher ao Banco Central), o que lhes deixa mais dinheiro em caixa, inclusive para comprar títulos dos governos e engordarem os seus lucros. Os bancos pequenos tiveram as suas carteiras de créditos adquiridas, sobretudo pelos bancos estatais, como forma de capitalizá-los e evitar uma quebradeira que poderia abalar a confiança no sistema financeiro e atingir os bancos maiores. As empresas já anunciam cortes de mais de 40% nos investimentos previstos para o próximo ano.

Mas, por que é tão importante para o movimento dos trabalhadores prever, se antecipar às crises do sistema capitalistas e mais do que isto, saber qual o caráter das crises e, sobretudo, desta crise? Pelo fato de que, para um revolucionário, uma revolução é inconcebível sem uma crise, sem uma situação revolucionária. Em outras palavras, não existe possibilidade da classe trabalhadora levar a cabo o seu projeto de sociedade, o socialismo, sem que o sistema capitalista esteja em crise. A isto nós chamamos de situação objetiva e que é criado pelas contradições inerentes ao funcionamento do sistema capitalista. Mas, apenas isto não é necessário para que seja possível uma revolução. É necessário que, além da crise, a classe trabalhadora esteja organizada e munida de um projeto seu, de classe, para intervir no momento da crise. A isto chamamos de situação subjetiva. Neste momento, o que percebemos é que a crise objetiva está muito adiantada e a situação subjetiva, a organização da classe trabalhadora, está assaz atrasada, e que precisamos adiantar os passos. O movimento dos trabalhadores em todo o mundo também passa por uma grande crise. E caso não sejamos capazes de resolver esta crise do movimento, a burguesia certamente tenderá a levar adiante medidas que posterguem a permanência do sistema capitalista, a um alto custo para a humanidade.

A presente crise, que começou na década de 1970 do século passado, já não se trata de uma crise cíclica, mas de uma crise estrutural, de exaustão onde "*o capital foi traído por si próprio: ao incorporar gigantescas possibilidades tecnológicas numa produção limitada pela estreiteza das relações de produção e distribuição capitalistas, o capital terminou pondo diante de si seus limites definitivos – de onde se deduz o acerto da afirmação de Marx de que as relações de produção entram a partir de certo momento, em contradição com as forças produtivas. Esta é, de fato, uma contradição objetiva, que antecede e que abre caminho à outra contradição básica da ordem do capital, igualmente objetiva, inscrita no processo de luta de classes, entre os dois sujeitos ativos do sistema: proletariado e burguesia*". (CARVALHO, EDMILSON -**A Produção Dialética Do Conhecimento**, Editora Xamã, 2008, p. 42).

A presente crise migrou rapidamente das finanças para economia e agora se torna crise social, com milhares de trabalhadores perdendo os seus empregos. Nos EUA, apenas no último trimestre um milhão e duzentos mil postos de trabalho foram cortados. A Europa e o Japão já estão "oficialmente" em recessão. A crise está apenas no começo e desta vez ela atinge o coração do sistema, o chamado G-7, simultaneamente e com igual intensidade e alastra-se em grande velocidade por todo globo. Urge a entrada em cena do ator que poderá mudar o rumo desta história: a classe operária.

Oposição Operária

Sobre Mané Garrincha

" SE FÔSSEMOS 75 MILHÕES DE GARRINCHAS, QUE PAÍS SERIA ESTE, MAIOR QUE A RÚSSIA, MAIOR QUE OS ESTADOS UNIDOS."

(Nélson Rodrigues, escritor, dramaturgo)

Libertários[1]

De repente me enxergo ante a tarefa de redigir e expor algo sobre o movimento anarquista brasileiro do início do século passado. A falta de tempo me leva à Internet, e a uma primeira constatação: faltam materiais sobre o assunto. Pesquiso sobre os Centros de Cultura Social – CCS –, porque imagino que uma greve geral como a de 1917 não se faz sem cultura classista, e também porque suspeito que os tais CCSs podem ter muito haver com o que imagino para o Espaço Mané Garrincha. Mas não encontro nada específico, salvo a história do CCS da Rua dos Trilhos – hoje na General Jardim –, do qual cheguei a conhecer alguns militantes. Descubro também a existência do Centro de Cultura Social Antonio Martinez, em São Miguel/SP. Constato também a existência – pelo menos virtual – de mais um CCS, este no Rio de Janeiro.



De minha relação com os tais libertários guardo boas lembranças, especialmente de sua criatividade, potencializada pelos chamados grupos de afinidade, e daí as bicicletadas, o batucação etc. Mas também os achei meio ingênuos, a ponto de não saber diferenciar a repressão policial canadense da brasileira. E até confesso ter sentido uma leve mágoa "nacionalista" deles e de mim também, quando uma loira estadunidense veio cá pra baixo do equador ensinar-nos a batucar, bem aqui no país do samba. Bom, mas isso foi nos anos 2000, e não no século passado.

Segundo o historiador anarquista Edgar Rodrigues – um mestre de obras português depois naturalizado brasileiro –, existiram mais de cem revistas e jornais libertários no Brasil, sendo quatro diários. Qual a popularidade da imprensa anarquista no início do século passado é uma pergunta para a qual não tenho resposta, mas não devia ser pequena, especialmente entre os imigrantes. E foram estes que trouxeram as primeiras idéias libertárias para o Brasil, especialmente os italianos.

Nos trópicos os emigrados do velho continente encontraram uma realidade temperada à européia: jornadas de 15h, trabalho infantil noturno, repressão etc. E se organizaram, e resistiram, sua arma de luta? O anarco-sindicalismo. Seus princípios? O apartidarismo, o anti-militarismo e a ação direta, a ponto de no II Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1913, ser rechaçada a participação de tribunais judiciais burgueses em lutas sindicais. Vale também lembrar que por esses tempos, a social democracia alemã, maior força de esquerda européia e mundial, aprovava no Parlamento o orçamento de guerra, aguçando o apetite imperialista do estado alemão. Por aqui os libertários rechaçavam as forçadas contribuições pró-pátria.

Em 1914 explodiu a 1º Guerra Mundial. As forças produtivas do velho continente adaptaram-se para a destruição. Diminuiu a entrada de capitais externos no Brasil, reduziram-se as exportações tupiniquins, subiram os preços internos, elevou-se o custo de vida dos trabalhadores. O valor do capital variável, pra variar, variou para menos. Tal variação negativa somada à cultura classista libertária levou a luta de classes para as ruas.

Dezessete não foi a primeira greve brasileira, mas quiçá tenha sido uma das mais significativas. Ouviram-se do Ipiranga gritos de outros Pedros, e também da Mooca, nas fábricas têxteis destes bairros paulistanos começavam as primeiras paralisações da greve geral, que se se estenderia rapidamente. Nos confrontos com a polícia centenas de presos e feridos, e um morto, o sapateiro Antonio Martinez. O cortejo fúnebre do sapateiro reuniu 10 mil pessoas. A Praça da Sé abrigou assembléias gerais com até 80 mil participantes. Se considerarmos que a classe operária brasileira em 1920 era composta por mais ou menos 280.000 pessoas, dá para ter alguma noção do poder do movimento grevista. Ainda que apenas nominalmente e por pouco tempo, o estado cedeu, reivindicações foram acatadas, entre estas a redução das jornadas, o aumento dos salários e a não perseguição aos grevistas.

Lembrando das palavras da marxista polonesa Rosa Luxemburgo, em seu folheto Greve de

1 – Texto apresentado como subisídio para a discussão do documentário Libertários.

massas, partidos e sindicatos, penso que há alguns traços comuns entre o julho de dezessete brasileiro e a Revolução Russa de 1905. “Esta primeira ação geral direta detonou, como uma corrente elétrica, uma poderosa reação interna, já que pela primeira vez se despertaram em milhões de pessoas os sentimentos e a consciência de classe.” Cabe apenas acrescentar que por estas terras a consciência de classe há tempos era nutrida pela imprensa libertária e pelos Centros de Cultura Social.

As notícias sobre a Revolução Russa de 1917 começaram a chegar ao Brasil, e foram intensamente comemoradas pelos libertários, era a primeira grande vitória proletária. Nos anos 1920 começaram a chegar relatos de perseguições políticas na Rússia soviética. Em 1922 surge o Partido Comunista do Brasil, não pelas mãos da social democracia, como em outros países, mas sim através de ex-militantes libertários, entre estes: Astrogildo Pereira Duarte da Silva.



O anarco-sindicalismo sobreviveu ao longo da década de 1920, mas foi perdendo a hegemonia do movimento sindical brasileiro. Centenas de libertários estrangeiros foram deportados via Lei Adolfo Gordo, a repressão recrudesceu. Além disso, o perfil da classe operária brasileira foi se alterando com a aceleração da industrialização, nos anos 1930, o capital nacional passou recrutar predominantemente braços brasileiros, sem a mesma bagagem ideológica que os europeus. Paralelamente crescia a influência do Partido Comunista. A participação dos libertários restringiu-se aos poucos à atuação em pequenos grupos. A batalha da Praça da Sé contra os integralistas em 1934 – “Revoada dos galinhas verdes” – foi talvez a última grande ação dos libertários na primeira metade do século XX.

A força dos libertários brasileiros pode ter sido ao mesmo tempo uma fraqueza. Em 1923 o anarquista José Oiticica alertava sobre a inexistência de organizações libertárias capazes de sustentar o embate ideológico, os anarco-sindicatos não bastariam para destruir o capital. Os libertários quase não conseguiram impulsionar a luta de classes para além dos operários emigrados da Europa, não conseguiram incorporar outras lutas, especialmente as camponesas, tendo sua força restrita a algumas poucas cidades. Mas, na mesma época em que boa parte da social democracia européia se curvava ao parlamento burguês e ao nacionalismo imperialista, os libertários destas terras rechaçavam um e outro. Só por isso já valeria resgatar as lutas dos primeiros libertários brasileiros.

Chico

__Sobre Mané Garrincha__

“SE HÁ UM DEUS QUE REGULA O FUTEBOL, ESSE DEUS É SOBRETUDO IRÓNICO E FARSANTE, E GARRINCHA FOI UM DOS SEUS DELEGADOS INCUMBIDOS DE ZOMBAR DE TUDO E TODOS, NOS ESTÁDIOS. MAS, COMO É TAMBÉM UM DEUS CRUEL, TIROU DO ESTONTEANTE GARRINCHA A FACULDADE DE PERCEBER SUA CONDIÇÃO DE AGENTE DIVINO. FOI UM POBRE E PEQUENO MORTAL QUE AJUDOU UM PAÍS INTEIRO A SUBLIMAR SUAS TRISTEZAS. O PIOR É QUE AS TRISTEZAS VOLTAM E NÃO HÁ OUTRO GARRINCHA DISPONÍVEL. PRECISA-SE DE UM NOVO, QUE NOS ALIMENTE O SONHO.”

(Carlos Drummond de Andrade, poeta e escritor)

O SÁBIO
- Carone -

Para o seu Manoel (Mané)
In-memoriam

Velho intransigente
Porque não fostes,
Como todo velho,
Ser velho tão somente
Porque ristes do bocha
Porque não aumentastes
O coro de truco
Em praças abandonadas
Que nada,
Fostes ter com a dialética
Fostes construir a manhã
soviética,
Cantar tua poesia,
Debochar das crendices
E brincar de economia.

Velho teimoso
Como só os velhos são.
Deixe de tagarelices.
Porque não seguistes
O curso da História
(História cheirando a jasmim e
submissão)
Não!
Dispensastes a bengala da
religião
E apoiado na ciência
Deixastes a sala da paciência
E fostes pregar tua revolução.

Velho tão louco
Porque ficastes com os poucos
Pregando em ruas desertas
Quando a coisa mais certa
Era servir o patrão

Vai velho Quixote
Exercer os teus dotes
Pois no mote das palavras
Vale mais a que não teoriza
Pois maior que a poesia
É a vida, brasa viva!

Velho maluco
Que não gostas de truco
Não passas de um velho
Negro e nordestino
Só crê no destino
Moldado a mão humana

Velho criança
Você não me engana
E nem a ninguém
Pois seguindo teus passos
A gente tem a esperança
De um dia ter orgulho
De ser velho também.

TERESA
- Carone -

Para o dia internacional da mulher

Teresa não se põe na mesa
Teresa não se leva pro quarto
Na mesa,
A arte sacia a fome
Na cama,
Teresa escolhe seu homem.
Ah,
Mas quanta coisa bruta
Fez Teresa propaganda,
Fez Teresa mendiga,
Fez Teresa prostituta.
Mas não se parou por aí
Teresa foi vista,
Enjaulada em burca Taleban,
Peça decorativa na Paulista,
Sanduíche de Manhatan.
Mas Teresa, quem é,
Só um nome em corpo mulher?
Ou Teresa é desempregada,
Trabalhadora, secretária,
Educadora. Na batalha
Com filho na beira da saia
Que para deleite dos homens,
Ainda arruma tempo para amar.

Teresa não se põe na mesa
Teresa não se leva pro quarto...

NAKBA
- Rushid -

Morreu o tempo do poema
O poeta deliberadamente declina
Da palavra, do verso, da rima
Quer a métrica da metralhada
A musicalidade da navalha
Quer responder ao fogo sionista
Palestina
Poética é a sua luta

